



Edilenice Passos

OS CANDANGOS DO 28



Quando ele acorda, o dia ainda está escuro. Hora de começar outro turno. Ou será o mesmo? As longas horas trabalhadas, os turnos intermináveis fazem com ele perca um pouco a noção do tempo.

Há um ano, depois de uma viagem de 15 dias num trem e depois num caminhão pau-de-arara, chegou naquela cidade que era só terra. Tinha largado pai e mãe para vir trabalhar. Havia abandonado uma terra sem água e passou a ser a esperança dos parentes. Esperança de ganhar dinheiro e enviar para sua casa, quem sabe melhorar um pouquinho a vida sofrida daqueles que ficaram.

Queria ser alguém na vida. Disseram que em Brasília estavam puxando dinheiro com rodo. Ouvia as notícias no rádio sobre Goiás. Mas, onde ficava Goiás? Como chegar

até lá? Disseram que encontraria trabalho, esperança e riqueza. Encontrou trabalho, poeira vermelha, lama e carestia. E havia a maldita esperança que o fazia prosseguir.

Ele fazia parte da “torrente humana”, como Juscelino Kubitschek chamou a multidão de trabalhadores que para Brasília vieram.

Conseguir trabalho era fácil, se você tivesse profissão. E ele tinha. Pedreiro. Ganhava CR\$25,00 por hora. Era horista e trabalhava até dez horas por dia, todos os dias da semana. Alguns colegas faziam até 400 horas por mês, mas poucos chegavam a 500.

Se o camarada não tivesse qualificação poderia arrumar emprego também, sempre havia vagas para ser-ventes e auxiliares de cozinha. Mas, se ele soubesse



**"MÔÇO...
EU FIZ ESTA CIDADE!"**

"Quer dizer, eu não fiz ela toda, mas ajudei um bocadinho!" Assim como ele, milhares de outros "candangos"... milhares de novos bandeirantes se orgulham de ter feito Brasília. Cada um deles contribuiu com o seu quinhão de técnica, de talento e de trabalho para tornar realidade esse belo sonho brasileiro.

Hoje Brasília abre as portas para o mundo e canta a sua glória. Mas a glória que fica é a dos "candangos" brasileiros - dos administradores e dos técnicos aos operários. Eles gravaram na epopéia da construção de Brasília a marca do arrôjo brasileiro, o valor de sua inteligência e a fé inabalável no futuro deste País.

A Esso Brasileira de Petróleo esteve ao lado desses homens desde o primeiro instante. E eles nos ajudaram a construir ali o primeiro pólo de serviço de Brasília - pioneiro em terra de pioneiros - o Pólo Esso Tiraolivas, inaugurado a 21 de abril de 1959 pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

ESSO BRASILEIRA DE PETRÓLEO 

Propaganda da época, elaborada atendendo à solicitação da Comissão das Solenidades de Instalação do Governo da Nova Capital.

[...] começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria (...); foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria... (Brasília, Sinfonia da Alvorada, Vinícius de Moares)





Brasil, capital Brasília, 1961

ler e escrever, era bem melhor, porque poderia trabalhar no escritório e ser mensalista. Ele havia feito o primário na sua cidade natal, sabia escrever o nome e ler com alguma dificuldade.

Arrumar emprego nunca foi problema naquela cidade. Havia mais trabalho do que braços. O INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização) fazia uma seleção do pessoal, cuidava dos documentos e encaminhava o pretenente para as companhias. E, além disso, as empresas que recrutavam pessoal, ávidas por trabalhadores, ofereciam salários maiores para tentar conquistar os pedreiros, serventes das outras companhias. As companhias anunciavam nas sessões de cinema na Cidade Livre, divulgavam os salários pagos a diferentes categorias. Usavam também os serviços de alto-falante que indicavam os escritórios que deveriam ser procurados.

Mas não era só chegar e o emprego estava te esperando. Se você dissesse que era carpinteiro ou pedreiro tinha um exame. Se fosse carpinteiro, por exemplo, podiam te dar uma tábua de cedro toda torta e você tinha que deixar prontinha. Para trabalhar no 28 tinha teste também. Na hora da contratação o candidato tinha que andar em cima de uma viga de uns 15 centímetros de largura, a uns dez metros do chão. Também tinha que ter saúde. Não é qualquer um que aguenta dez longas horas de trabalho por dia.

O edifício do Congresso Nacional era chamado pelos candangos de 28. Alguns tinham medo de trabalhar ali, muitos caíram para a morte. Mas ele tinha fé que isso não aconteceria com ele.

Muitos colegas mudavam de emprego a toda hora, à procura de melhores condições, fosse de salário ou de alojamento. Ele, porém, desde o início, trabalhou na obra do 28. Ele foi fichado na Companhia Construtora Nacional. O engenheiro-chefe era Jozsef Kanyo, nome difícil que a peãozada não conseguia falar direito.

A poeira vermelha era constante, o vento levantava camadas finas que pousavam em todos e em todo lugar. Na época da chuva, a poeira se transformava em lama que a tudo sujava. O período chuvoso era o mais complicado, inundava a obra da garagem e o poço dos elevadores. Era um inferno. Não, inferno eram os pequenos incêndios que aconteciam e que levou mais de um amigo para o hospital.

O dia mais triste tinha sido o dia da morte de Bernardo Sayão. Era respeitado pelos trabalhadores. Ele falava com o peão. Não só com o peão, mas com o servente, o mestre de obras, o pedreiro. Ele fazia a obra andar.

Ele dormia no alojamento de solteiros que ficava no acampamento da Companhia Nacional, um grande galpão,

sem divisão, com as camas uma ao lado da outra. O banheiro era comunitário também.

Era duro não ter família por perto. Os trabalhadores, em sua maioria, eram solteiros ou tinham deixado a família na sua terra. Havia poucos alojamentos para os casados. Só os mais graduados tinham moradias individuais que possibilitavam que trouxessem suas famílias. No início, a cidade era para homens adultos que estivessem ligados às obras. Não havia espaço para mulheres e crianças. Se você não conseguisse um alojamento de casado na companhia tinha que pagar aluguel, que levava boa parte do seu salário. O sujeito podia também morar numa invasão, mas para isso precisava ter o material para construir a casa. Nem todos tinham. Era comum ver famílias acampadas no cerrado morando numa “casa” de papelão ou de saco de cimento. Se desse sorte, tinha uma casa de lona.

Ele comia na cantina do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), que atendia milhares de trabalhadores. A fila era grande e, às vezes, quando chegava sua vez, a comida acabava e era preciso esperar que fizessem mais. A comida, que era depois descontada do seu salário, não era boa, mas a fome era grande. Era sempre arroz, feijão, jabá e batata. Às vezes trocavam batata por macarrão. Também tinha direito a um copo de leite e um pedaço de goiabada. A comida dos engenheiros era diferente, sentavam separados dos outros, tinham privilégios.

Ele não fazia idéia do que estava construindo, como seria a obra no final. Foi ficando impressionado à medida que as cúpulas foram surgindo. O povo dizia que era a “Bacia do Pilatos”. Ele achava engraçado e ficou imaginando para que serviriam, quem trabalharia ali.

Seu nome é Zé. Como tantos outros. São tantos rostos e tantos nomes. Difícil conhecer todos. Mas há Manoel, João, Antonio, Luis, Expedito, Chico e Claudionor. Tem também Juan, Sechiro. Porém, contrariando a crença popular, havia poucos Severinos.

A Revista SENATUS quer transformar os anônimos em notórios, os esquecidos em homenageados, marcando em papel sua importância, tal a escultura de Bruno Giorgi, na Praça dos Três Poderes, em frente ao prédio que o Zé ajudou a construir.

*Brasília é sonho de Candango!
Brasília é trabalho de Candango!
Brasília é orgulho de Candango!
Brasília será terra de Candango!*

(Viva Brasília! Viva Candango! Viva o Brasil
Donatilla Dantas)



Arquivo Público do Distrito Federal

“O candango anônimo – herói da grande batalha. A história não lhe guardou o nome modesto, mas foi de suas mãos rudes de candango, de pernambucano, de paraibano, de baiano, de cearense, de goiano, de mineiro, enfim de todos os recantos desse imenso país, que nasceu Brasília.”

Manoel Mendes

“Sessenta mil candangos – as abelhas do Planalto – haviam tornado possível aquele milagre. Engenheiros e arquitetos, sanitaristas e geólogos, urbanistas e pilotos, desenhistas e técnicos em todas as especializações esquecidos do conforto, haviam trabalhado, noite e dia, sob o sol e a chuva, morando em barracas de lona ou em galpões de madeira, para que a inauguração se fizesse na data marcada.”

Juscelino Kubitschek

